

“BRASÍLIA REVISITADA”

Revisão do Moderno na Urbanística de Lucio Costa

Submetido em: 22/10/2024

Aceito em: 13/10/2025

Publicado em: 15/12/2025

“BRASÍLIA REVISITED”

Review of the Modern in Lucio Costa's urbanistics

“BRASÍLIA REVISITADA”

Revisión de lo Moderno en la Urbanística de Lucio Costa

Carla Conceição Barreto

Doutora em Arquitetura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

– FAUP, correiodacarla@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4223-4898>

RESUMO

O artigo analisa as proposições de “Brasília Revisitada” e o projeto das Quadras Econômicas de Lucio Costa, situando essas propostas dentro do contexto da pós-modernidade e das revisões do moderno. O estudo avalia a unidade morfológica urbana do projeto para as Quadras Econômicas em um procedimento de colagem, quanto a posição de Lucio Costa no debate sobre as revisões do moderno, examinando como o contexto histórico dos anos 1980 influenciou sua abordagem urbanística. Foram consultados os arquivos do espólio de Lucio Costa, preservados na Casa da Arquitectura, e analisados os desenhos e o memorial descritivo elaborados pelo arquiteto. Além disso, o estudo integrou uma revisão bibliográfica para entender o contexto teórico e prático das intervenções de Lucio Costa. A pesquisa revela a complexidade e a revisão das propostas de Lucio Costa, destacando sua contribuição única para o urbanismo e a arquitetura, e como essas propostas se inserem nas discussões sobre o contexto do moderno no final do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Lucio Costa; Brasília Revisitada; Urbanismo

ABSTRACT

The article analyzes the propositions of "Brasília Revisitada" and Lucio Costa's Quadras Econômicas project, placing these proposals within the context of postmodernity and revisions of modernism. The study evaluates the urban morphological unit of the project for the Economic Blocks in a collage procedure, regarding Lucio Costa's position in the debate on modern revisions, examining how the historical context of the 1980s influenced his urban approach. The archives of Lucio Costa's estate, preserved at Casa da Arquitectura, were consulted and the drawings and descriptive memorial prepared by the architect were analyzed. Furthermore, the study integrated a bibliographical review to understand the theoretical and practical context of Lucio Costa's interventions. The research reveals the complexity and revision of Lucio Costa's proposals, highlighting his unique contribution to urbanism and

architecture, and how these proposals fit into discussions about the context of modernity at the end of the 20th century.

KEYWORDS: *Lucio Costa; Brasília Revisitada; Urbanism.*

RESUMEN

El artículo analiza las propuestas de "Brasília Revisitada" y del proyecto Quadras Econômicas de Lucio Costa, ubicando estas propuestas en el contexto de la posmodernidad y las revisiones del modernismo. El estudio evalúa la unidad morfológica urbana del proyecto de los Bloques Económicos en un procedimiento de collage, en torno a la posición de Lucio Costa en el debate sobre las revisiones modernas, examinando cómo el contexto histórico de los años 1980 influyó en su enfoque urbano. Se consultaron los archivos de la finca de Lucio Costa, conservados en la Casa da Arquitectura, y se analizaron los dibujos y la memoria descriptiva elaborados por el arquitecto. Además, el estudio integró una revisión bibliográfica para comprender el contexto teórico y práctico de las intervenciones de Lucio Costa. La investigación revela la complejidad y revisión de las propuestas de Lucio Costa, destacando su contribución única al urbanismo y la arquitectura, y cómo estas propuestas encajan en las discusiones sobre el contexto de la modernidad de finales del siglo XX.

PALABRAS CLAVES: *Lucio Costa, Brasília Revisitada, Urbanismo.*

INTRODUÇÃO

A década de 1970 foi marcada por uma crítica incisiva ao legado da modernidade, destacando-se pela pluralidade e descontinuidade que fomentaram revisões do pensamento moderno. Nesse cenário, surgiram correntes arquitetônicas divergentes: vertente tradicionalista, que buscava restaurar os valores históricos da disciplina, a corrente tecnológica, que via na arquitetura uma expressão do progresso técnico e promovia um funcionalismo renovado; e uma tendência alternativa, voltada para a ecologia, delineando novas possibilidades para o campo. No contexto dessa pluralidade disciplinar, a década de 1980, inaugurada pela Bienal de Veneza com a exposição "A Presença do Passado" (1980), consolidou-se pela continuidade e diversificação das abordagens arquitetônicas. Esse período foi marcado por um renovado interesse no historicismo revivalista, a persistência do contextualismo cultural, a versatilidade do ecletismo, o paradigma da singularidade e uma nova abstração formal e a continuidade do uso radical da alta tecnologia (Montaner, 2001).

Nessa perspectiva, investigar revisões do moderno na urbanística de Lucio Costa – considerando que, dos doze projetos de urbanismo, oito foram realizados a partir da década de 1950¹, quando se iniciaram uma série de revisões do moderno – implica examinar as incorporações, contribuições, diálogos e silêncios teóricos no campo disciplinar. Contudo, não há uma historiografia significativa sobre a urbanística de Lucio Costa que trate desta questão, nem verificações que permitam avaliar, por assim dizer, sua inserção nas discussões pós-modernas. É nesse panorama de reavaliação que Lucio Costa propôs um conjunto de revisões para o Plano Piloto de Brasília, como sugere o título de sua obra "Brasília Revisitada" (1985/87). Em relação ao documento fundamental, a "Memória Descritiva do Plano Piloto" (Costa, 2018, pp. 283-297), essas revisões focam em quatro aspectos principais: complementação, preservação, adensamento e expansão urbana. A complementação e preservação se apresentam como interdependentes, sendo que a primeira se refere à ocupação do solo e a reavaliação social no contexto urbano do plano, enquanto a preservação abarca não apenas intervenções no desenvolvimento da cidade, mas também o tombamento e conscientização sobre o que deve ser preservado diante do fato urbano, ou seja, "as características fundamentais do Plano Piloto" (Costa, 1985/87). Além dessas revisões centrais, o plano estabeleceu diretrizes para áreas destinadas ao adensamento e à expansão, visando não apenas o crescimento ordenado da cidade, mas também a manutenção dos princípios que fundamentaram o plano original.

Assim, este artigo² oferece uma análise das proposições de "Brasília Revisitada", bem como do seu projeto para as Quadras Econômicas, inserido como proposta urbana e arquitetônica. A investigação adota o contexto histórico da pós-modernidade na obra de Lucio Costa, procurando situar as suas contribuições no âmbito das revisões do moderno. Os objetivos gerais do estudo são avaliar o projeto tanto em termos de morfologia urbana quanto no posicionamento de Lucio Costa dentro do debate das revisões do moderno, examinando como esse contexto influenciou a sua abordagem urbanística. A análise baseia-se em uma revisão de autores alinhados com essas questões, contextualizando o período da década de 1980, com ênfase particular no projeto em estudo. A pesquisa incluiu a consulta aos arquivos do espólio de

Lucio Costa, preservados na Casa da Arquitectura, e uma análise documental dos desenhos e do memorial descritivo elaborado pelo arquiteto (Costa, 2018, p. 332). Além disso, a investigação integrou uma revisão bibliográfica para compreender o contexto teórico e prático das intervenções de Lucio Costa.

A PÓS-MODERNIDADE NA REVISÃO URBANÍSTICA DE BRASÍLIA POR LUCIO COSTA

O revivalismo historicista e vernáculo, que emergiu na década de 1960 em resposta à perda de significado do Estilo Internacional, incentivou o retorno da tradição por meio da reutilização de um sistema de convenções, como as linguagens clássicas e posturas nostálgicas. De tal modo, na década de 1980, esse movimento alcança uma fase de maior expressão, promovendo a recuperação e a revalorização da tradição Beaux-arts e fomentando o contextualismo e o ecletismo, especialmente em países como Itália, Bélgica, Espanha, Estados Unidos e Grã-Bretanha (Montaner, 2001). No âmbito do contextualismo cultural, a ênfase reside em conferir primazia ao contexto urbano no qual a nova obra arquitetônica se insere, um conceito com origem na década de 1950. Este pensamento persiste a partir das ideias de Ernesto Nathan Rogers (1997 [1958]), que defendia o realismo, a adaptabilidade à tradição local e às preexistências ambientais; do conceito de "genius loci" de Christian Norberg-Schulz (in Nesbitt, 2006 [1976]), e da noção de continuidade crítica com a tradição disciplinar propagado por Aldo Rossi (2001 [1966]). O ecletismo, nesse cenário, faz uso literal das linguagens do passado, aplicando elementos construtivos da arquitetura histórica sem grande elaboração ou abstração, caracterizando-se como classicista e historicista. Por outro lado, a nova abstração formal propõe uma postura que rejeita o apelo à história, centrando-se essencialmente na abstração e pela experimentação formal, influenciada pelo pensamento pós-estruturalista e pelos processos conceituais da arte contemporânea (Nesbitt, 2006). Diferentemente das décadas de 1950 e 1960, em que as ciências sociais começaram a influenciar a construção do espaço urbano, esta nova corrente de abstração formal comumente negligenciou as questões sociais, concentrando-se principalmente nos jogos formais e estéticos. Embora o fim da utopia já estivesse sido anunciado (Tafuri, 1985 [1973]), simbolicamente representado pelo incêndio da geodésica de Buckminster Fuller (1976), o uso radical da alta tecnologia manteve-se como um tema disciplinar proeminente. No Brasil, em razão do contexto da ditadura militar, a desagregação nacional resultou na desilusão com o projeto ideológico e estético formulado pela vaga modernista da década de 1920 e 1930, abrindo caminho também para outras perspectivas e abordagens.

No livro *Collage City*, de Colin Rowe e Fred Koetter (1978), considerado por Kate Nesbitt como "uma das teorias urbanas norte-americanas de maior influência no período pós-moderno" (2006, p. 293), os autores com base em pesquisas realizadas com grupos de estudantes na Universidade de Cornell e tendo Roma como principal modelo urbanístico de referência, identificaram que a arquitetura moderna inverteu a proporção entre espaço livre e espaço construído. Os espaços livres, pela sua predominância, tornaram-se inertes no tecido urbano, fragmentando bairros, dividindo vizinhanças, isolando pessoas e desconectando as edificações de seu entorno (Nesbitt, 2006). Rowe e Koetter propõem uma revisão dos modelos de utopia urbana, introduzindo a colagem

como método fragmentário. A teoria dos autores, que imagina uma sociedade pluralista e um urbanismo que admite transformação, é entusiasmada pelos escritos pró-democráticos de Karl Popper, particularmente na crítica à utopia e a tradição que os autores parcialmente seguem. Essa perspectiva é também associada aos pensadores pós-modernos Jurgen Habermas, Jacques Derrida e Jean-François Lyotard, "em direção a um possível porto supremo de emancipação" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 294). Além disso, Lévi-Strauss oferece um arcabouço teórico para formular, de modo antagônico, o conceito de bricolagem (Nesbitt, 2006), como uma resposta aos modelos totalizantes e coercitivos. Rowe e Koetter sublinham a necessidade de uma alternativa entre o design total "progressista" e a bricolagem "culturalista" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006). O conceito proposto indaga: "uma teoria de poderes concorrentes (todos eles visíveis) poderia definir uma cidade ideal mais completa do que as inventadas até hoje?" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 312). De acordo com os autores, a essência de Popper, "o crítico partidário da libertação do determinismo histórico e das concepções estritamente indutivas do método científico, o qual, mais que qualquer outro, esquadrinhou e discriminou o complexo de fantasias histórico-científicas que, para o bem ou para o mal, foi um elemento mobilizador do século XX" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 294), enfatizava o rompimento com "o mito da sociedade potencialmente racional e da história inerentemente lógica" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 300). Essa visão abriu espaço para discussões pró-democráticas aplicadas à concepção e ao planejamento urbano orientando-se por fatos "livres de pressuposições dogmáticas" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 301). Os autores defendem que uma abordagem ao planejamento urbano deve ser capaz de conviver com a desordem, permitindo que camadas heterogêneas e complexas coexistam para a formação de um tecido urbano que sustente uma "rede fundamental da liberdade" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 296). Rowe e Koetter observam que a recusa dos arquitetos do século XX em se reconhecerem como bricoleurs, devido à "ofuscante crença moralista na unidade" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 315), limitou as possibilidades de inovação na concepção da cidade. Ainda segundo os autores, "a recusa dos arquitetos do século XX a pensar em si mesmos como bricoleurs explica sua indiferença a uma das mais importantes descobertas do século XX; pareceu faltar sinceridade à colagem, como se fosse um atentado aos princípios morais, uma adulteração deles. Basta pensar na Natureza-morta com cadeira de palha (1911-12) de Picasso, sua primeira colagem, para começar a entender por quê" (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 315).

Nas palavras de Lucio Costa, "a implantação de Brasília partiu do pressuposto que sua expansão se faria através de cidades satélites, e não da ocupação urbana gradativa das áreas contíguas ao núcleo original" (Costa, 1987, p. 13), à semelhança do modelo da cidade-jardim, onde o protótipo se configura como um modelo a ser reproduzido (

Trevisan, 2020, p. 180). Segundo Lucio Costa, não se tratava do modelo de expansão das cidades norte-americanas, mas sim "previa-se a alternância definida de áreas urbanas e áreas rurais – proposição contrária à ideia do alastramento suburbano extenso e rasteiro" (

Costa, 1987, p. 13). Este modelo de expansão adotava uma lógica similar do "tipo inglês (new towns), com cidades novas situadas nos arredores de uma

metrópole, sem continuidade, com a preocupação de descongestionar e de estruturar a região urbana em uma escala mais vasta que aquela da aglomeração de base" (Trevisan, 2020, p. 70). Tal concepção contrasta com o modelo do "tipo francês (villes nouvelles), com cidades novas situadas em continuidade espacial com grandes aglomerações destinadas a orientar e estruturar o desenvolvimento das periferias, sem sinal de independência entre elas e a cidade-mãe" (Trevisan, 2020, p. 70), reforçando a tese de Julio Roberto Katinsky, que identifica em Brasília, um cruzamento do pensamento burguês: o racionalismo francês, devido a seu caráter eminentemente taxonômico, e o empirismo inglês, pelo seu caráter eminentemente heurístico (Katinsky, 1985, p. 9)). Lucio Costa reconhece, no entanto, que "a longa distância entre as cidades-satélites e o "Plano Piloto" isolou demais a matriz dos dois terços de sua população metropolitana que reside nos núcleos periféricos, além de gerar problemas de custo para o transporte coletivo" (Costa, 1987, p. 13). De tal modo, a proposta de complementação, preservação, adensamento e expansão urbana, apresentada no documento "Brasília Revisitada" (Costa, 1987), teve por princípio não apenas de ocupar os espaços livres e desabitados, que Rowe e Koetter apontam na concepção da cidade moderna – uma questão que ocorreu sistematicamente entre o Plano Piloto de Brasília e as cidades-satélites – mas também revisar o plano de ocupação econômico-social da cidade. A proposta das Quadras Econômicas "visou aproximar de Brasília as populações de menor renda, hoje praticamente expulsas da cidade – apesar da intenção do plano original ter sido oposta" (Costa, 1987, p. 13). A implantação das Quadras Econômicas é concebida como um módulo que poderia ser aplicado progressivamente, o que Lucio Costa denomina "Pré-moldado urbano" (Costa, 1987, p. 13), destinado à ocupação das áreas livres. Segundo Rowe e Koetter, a técnica da colagem, que "recruta objetos ou os retira de seu contexto, é – nos dias de hoje – a única forma de abordar os problemas fundamentais da utopia e/ou da tradição, e que a origem dos objetos arquitetônicos inseridos na colagem social não precisa ter grandes consequências" (Rowe; Koetter, 2006, p. 317). O projeto de Lucio Costa para a expansão de Brasília retoma a proposta de superquadra inicialmente projetada para Alagados de Salvador (1972), cuja concepção visava igualmente criar um modelo de quadra econômica para habitação social. Este modelo, de forma losangular, foi também aplicado na proposta para a capital da Nigéria (1976) e no projeto de Corniche, em Marrocos (1980). Esse reaproveitamento reforça a ideia de um modelo de aglomerado habitacional autossuficiente nas suas funções de vizinhança, mas, em termos de desenvolvimento urbano, dependente do Plano Piloto.

Rowe e Koetter destacam Le Corbusier como colagista: "Seus edifícios, embora não os projetos urbanos, seguem um processo mais ou menos equivalente ao da colagem. Objetos e episódios são obviamente importados e, apesar de conservarem os indícios de suas origens e fontes, adquirem um efeito inteiramente novo devido à mudança de contexto" (Rowe; Koetter, 2006, p. 316). Essa abordagem é confirmada por Hugo Segawa, que assinala como o projeto que Le Corbusier apresentou para a Cidade Universitária (1937) "era uma composição de várias proposições urbanísticas e tipologias edilícias

anteriores: o Mundaneum e o Museu Mundial (1929), o Museu de Arte Contemporânea de Paris (1931), o Palácio dos Sovietes de Moscou (1931), o Palácio da Liga da Nações em Genebra (1931) e a Ville Radieuse (1935)" (Segawa, 1998, p. 40). Embora contradiga parcialmente a constatação de Rowe e Koetter, Segawa argumenta que Le Corbusier também aplicou a técnica da colagem no âmbito urbanístico. Segundo o autor, "a estratégia de colagens ou variações arquitetônicas urbanísticas de temas desenvolvidos anteriormente fazia parte da prática projetual corbusiana dos anos 1930, como se pode observar nos planos de urbanização da margem esquerda do rio Escout (1933), em Antuérpia, e da urbanização de Nemours (1933) ou na própria cidade universitária do Rio de Janeiro" (Segawa, 1998, p. 40). Esta prática de colagem pode explicar, em parte, a adoção desse método por Lucio Costa no seu projeto para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro. Lucio Costa aproveitou o projeto do Palácio dos Sovietes de Moscou, de Le Corbusier, para integrar o conjunto de edificações da praça da Cidade Universitária.

As contradições presentes na proposta de expansão de Brasília tornam-se evidentes no discurso de Lucio Costa ao afirmar: "sempre insisti junto aos responsáveis pelo desenvolvimento de Brasília no sentido de evitar-se por todos os meios o deprimente espraiamento 'suburbano' do chamado Plano Piloto em direção a Taguatinga e desta ao encontro dele" (Costa, 2018 [1985], p. 332). Entretanto, O arquiteto também reconhece que "intuí que o modo de evitar tal risco seria a deliberação aparentemente contraditória de ocupar francamente as áreas disponíveis ao longo da via de conexão na direção das satélites com uma faixa intermitente de quadras econômicas [...]" (Costa, 2018 [1985], p. 332). Bruno Zevi (in Xavier, 2012 [1960]), no Congresso dos Críticos de Arte (1959), criticou a forma do Plano Piloto de Brasília, destacando a inadequação da unidade urbanística que não previa um crescimento populacional ordenado. Desde então, Lucio Costa passou a incorporar no desenho urbano áreas destinadas ao adensamento e à expansão, como se pode ver nos projetos para o Plano Piloto da Barra da Tijuca (Ver Barreto, 2024b) e para a capital da Nigéria (Ver Barreto, 2024a). Lucio Costa concebeu para Brasília um plano urbano fundamentado em uma concepção histórica clássica, em que o "crescimento da população não produz uma ampliação gradativa, mas a adição de um outro organismo equivalente ou mesmo maior que o primitivo" (Benevolo, 1997, p. 80). Segundo Lucio Costa, "as verdadeiras cidades-satélites deveriam vir depois de completa a área metropolitana e não assim, antes, numa antecipação irracional" (Costa, 2018 [1985], p. 302). Nessa conjuntura, é essencial destacar a descontextualização da proposta em relação ao contexto urbano original. A ideia geradora da proposta, que foi desenvolvida para Alagados em Salvador (Ver Barreto, 2024c) deriva de um estudo de ocupação que Lucio Costa desenvolveu para a solução ao problema da habitação. O arquiteto demonstrou que, na mesma área, a construção de casas térreas geminadas comportaria 270 unidades, a sua proposta abrigaria 1360 unidades habitacionais. A forma dessa ideia geradora é definida por uma malha geométrica que não contempla espaços livres adequados, criando um conjunto urbano caracterizado por volumes definidos e espaços delimitados, remanescente da cidade tradicional com ruas-corredores, malhas de quarteirões e praças. No entanto, na proposta da superquadra, essa massa volumétrica perde-se diante da prevalência de

espaços livres que conformam o espaço público, consolidando-se como elemento próprio da cidade-parque.

Lucio Costa, ao propor um conjunto de revisões do Plano Piloto de Brasília, aborda a ocupação do solo no conjunto urbano, revendo o planejamento urbanístico em suas dimensões sociais e intervindo no desenvolvimento da cidade³. O arquiteto delinea diretrizes para a preservação do centro histórico, o tombamento das escalas urbanas e a definição de áreas para a expansão, as quais, simultaneamente, contribuem para a preservação do plano original. O objetivo é preservar "para as gerações futuras" as suas "características fundamentais que a singularizam" (Costa, 1987, p. 02), reconhecendo sua importância histórica, como Aldo Rossi postula ao tratar da continuidade dos fatos urbanos (Rossi, 2001 [1966]). Segundo Rossi, essa continuidade deve ser buscada nos estratos profundos onde se divisam certos caracteres fundamentais que são comuns a toda a dinâmica urbana (Rossi, 2001 [1966]). No caso de Brasília, trata-se, sobretudo, de reconhecer que "o fato que – por todas as razões – a capital é histórica" (Costa, 1987, p. 2). Preservar implica garantir a interação entre as quatro escalas urbanas, mantendo a estrutura viária como arcabouço integrador das escalas, a configuração residencial com amplos gramados e chão livre, a orla do lago desobstruída, e a valorização do paisagismo, que, ao dialogar com a volumetria urbana também contribui para a interação entre as escalas. Essencial, também, é a presença do céu e a contenção do alastramento suburbano. Assim, complementação e preservação emergem como diretrizes interdependentes e atuantes de forma concomitante. Outro ponto crucial é a preservação do "o quantum populacional" (Costa, 1987, p. 18), ou seja, o limite populacional estabelecido pela abertura de novas áreas, de modo não comprometer a função primordial de Brasília como capital político administrativa. Como Lucio Costa pontua, "Brasília não interessa ser grande metrópole", entendida por Tafuri como "o lugar de alienação absoluta, é, não por acaso, o centro das elaborações de vanguarda" (Tafuri, 1985 [1973], p. 12).

O documento "Brasília Revisitada" reflete a ausência de um plano de desenvolvimento regional que o Plano Piloto de Brasília deixou de contemplar, como explicitamente expresso por Lucio Costa: "[...] a concepção urbanística da cidade propriamente dita, porque esta não será, no caso, uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele, a sua fundação é que dará ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região" (Costa, 1987, p. 3). A proposta das Quadras Econômicas, concebida para ocupar as áreas disponíveis ao longo das vias de conexão entre as cidades satélites ao sul de Brasília e o Plano Piloto, surge como uma solução urbanística estruturada por Lucio Costa, na qual esses "conjuntos urbanística e arquitetonicamente estruturados", na visão de Lucio Costa, "aparentemente contraditória", que delimitaria o espraiamento suburbano desordenado para Brasília, se configurou como fragmentos de urbanização para expansão, conformados em superquadra, "espécie de 'pré-moldado' urbano" (Costa, 1985/87, p. 13). Essa proposta encontra paralelos com o Kennemerland Scheme e a Municipalidade de Mari (1964-1969) de Van den Broek e Bakema, que se definiam como unidades urbanas compostas por diferentes tipologias edificatórias, variando em altura e função para responder à complexidade urbana em uma escala transicional (Jencks, 1985 [1973], p. 287), com o objetivo de conferir identidade ao espaço urbano. O método de ocupação, que se vinha consolidando desde

a década de 1950, estabeleceu-se como um tipo urbanístico frequente e fomentou a ideia de uma cidade composta por núcleos variados, compreendido, de fato, por "clusters". Esse conceito foi inicialmente formulado por Kevin Lynch em 1954, seguido por Danys Lasdun em 1956 com a experiência de Bethnal Green Cluster Block, além de ser divulgado pelos arquitetos Alison e Peter Smithson no plano de Berlim em 1958. A inovação desse conceito, ao incluir a possibilidade de um crescimento urbano mais aberto e flexível, contrastava com os quarteirões modernos das décadas iniciais do século XX, como o Spaarndammerplantsoen, em Amsterdam (1914), de Michel de Klerk, ou o Karl Marx Hof (1930), em Viena, projetado pelo arquiteto Karl Ehn.

Este planejamento de expansão, que não se assemelha ao espraiamento urbano característico das cidades norte-americanas, orienta-se pela falta de delimitação de áreas específicas. Como destacou Lucio Costa: "assim, a partir do surgimento precoce e improvisado das cidades satélites, prevaleceu até agora a intenção de manter entre estes núcleos e a capital uma larga faixa verde, destinada a uso rural" (Costa, 1985/87, p. 13). Tal diretriz justificou a proposta das Quadras Econômicas "– ou comunitárias". Nessa última contribuição urbanística de Lucio Costa, percebe-se uma ruptura com alguns de seus próprios pressupostos fundamentais, que anteriormente buscavam a conformação de um organismo urbano complexo, composto por multiplicidades de elementos e camadas, organizados e classificados e ordenados para a cidade moderna. Em vez disso, propõe-se agora uma solução baseada em agrupamentos habitacionais descentralizados, sem relações preexistentes e concebidos a partir de uma noção de unidade em escala territorial. Unidade esta que fez Lucio Costa receber o prêmio do concurso para o Plano Piloto de Brasília (1956). Como declarou William Holford: "uma ideia engenhosa para uma cidade, precisa ter unidade, não pode ser uma simples soma de pequenos desenhos juntados num mapa do local" (Holford, in Xavier, 2012 [1957], p. 28). Holford, na mesma ocasião, antecipava a relevância do modelo de unidade de vizinhança proposto para o Plano Piloto de Brasília: "Dois terços dos habitantes viverão em 'praças' autossuficientes ou unidades urbanas, cercadas por vias residenciais e um cinturão de árvores que pode ser plantado na fase inicial" (Holford, in Xavier, 2012 [1957], p. 29). A questão da expansão urbana, embora passível de prolongamento indefinido, é frequentemente refutada por parte das teorias contemporâneas que discutem a cidade compacta (Ver Pescatori, 2015). Lucio Costa, ao propor a adição de novos aglomerados urbanos para densificar e expandir o Plano Piloto de Brasília, evita modificar o interior da cidade existente, preservando sua forma constitucional. Contudo, nesse procedimento não segue o padrão de crescimento convencional, normalmente realizado por meio das cidades-satélites. Assim, Lucio Costa rompe com o modelo de expansão das cidades-jardins, mesmo que o seu projeto não tenha resolvido a exclusão das classes econômicas mais baixas das áreas mais próximas do Plano Piloto, que permanecem predominantemente destinadas a habitações de alto padrão.

Desde o anteprojeto da Vila Operária de Monlevade até as Quadras Econômicas, pode-se perceber que Lucio Costa desenvolve seus projetos de urbanismos por meio de uma proposição teórica voltada à resolução do programa, levando em consideração suas múltiplas variáveis. Como observou Holford, membro da comissão julgadora do concurso para o Plano Piloto de

Brasília, aquela competição era “de ideias e não de detalhes” (Holford, in Xavier, 2012 [1957]). De tal modo, a proposta de Lucio Costa se aproxima da abordagem de Rowe e Koetter denominam “política da bricolagem”. Segundo esses autores, o *bricoleur* está muito mais conectado à realidade do que o arquiteto-urbanista que segue uma abordagem puramente “sistêmica” e “metodológica”. A metodologia de bricolagem aplicada por Lucio Costa reflete não apenas sua visão, mas também a prática do urbanismo brasileiro popular. Essa característica foi ressaltada por James Holston, ao comentar sobre o processo deliberado de construção popular de Brasília: “empregaram as táticas da bricolagem e experimentaram em todos os campos”. Holston ainda observa que foi justamente através da bricolagem que Brasília reproduziu “o estilo característico do Brasil de inventar a sua modernidade” (Holston in Nobre, 2004, p. 160). De tal modo, a bricolagem, enquanto prática, revela a capacidade de articular soluções que dialogam com a complexidade do real, permitindo uma flexibilidade criativa que transcende a rigidez de sistemas pré-estabelecidos, tanto no plano arquitetônico quanto no urbanístico. O reconhecimento dessa prática alia-se às discussões pós-modernas sobre metodologias específicas para cada contexto urbano, conforme defendido, por exemplo, por Rogers (Ver 1997 [1958]), que argumenta a favor das abordagens caso a caso.

É evidente que um projeto de expansão de Brasília não poderia ser concebido a partir de um projeto de um novo “Plano Piloto”, ou seja, um desenho total, uma vez que tal abordagem seria inviável diante da conjuntura do planejamento urbano. Para Rowe e Koetter, entre o desenho total “progressista”, conforme as definições classificatórias de Françoise Choay (1992), e a bricolagem “culturalista”, a alternativa do desenho total acarretariam em consequências políticas devastadoras. Isso se daria porque tal procedimento se fundamentaria no “mito não confesso da utopia ativista ou historicista” (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 311), ou seja, a consideração de uma teoria empírica simples dos fatos, tornaria sua realização impraticável. A perspectiva de Rowe e Koetter, que aqui nos auxilia na análise da proposta de Lucio Costa, é baseada na “a dialética de tipos ideais, somada a uma dialética entre tipos-ideais e contexto empírico” (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 312). Embora, da proposta urbano-arquitetônica das superquadras de Lucio Costa, apenas um conjunto com quatro unidades de vizinhança tenha sido construído – atualmente bairro nomeado por “Lucio Costa” – a proposta reflete uma inversão de escala. Essa inversão parte do micro para o macro, invertendo a lógica da tradição da arquitetura moderna, que buscava conceitos de unidade, continuidade e sistema. O que se percebe, então, é uma prática de colagem para viabilizar uma habitação, no mínimo, “condigna”, nas palavras de Lucio Costa. Essa abordagem encontra ressonância na defesa de Rowe e Koetter, segundo os quais “a colagem, frequentemente um método de dar atenção às sobras do mundo, de preservar sua integridade e conferir-lhe dignidade, de combinar o informal com o cerebral, a convenção e a quebra da convenção, opera necessariamente de modo inesperado” (Rowe; Koetter in Nesbitt, 2006, p. 316).

O modelo de superquadra que Lucio Costa apresenta como solução para o problema da habitação em Brasília é o das Quadras Econômicas, compostas por edifícios de três andares, sem elevador, erguidos sobre pilotis, ordenados de modo a gerar um pátio central. No contexto das discussões dos anos 1960,

Lucio Costa publicou o manifesto "O urbanista defende a sua cidade" (2018 [1967]), no qual buscou esclarecer aspectos de Brasília que haviam sido mal compreendidos. Nesse texto, o arquiteto explica que Brasília "foi, de fato, concebida em função de três escalas diferentes: a escala coletiva ou monumental, a escala cotidiana ou residencial e a escala concentrada ou gregária; o jogo dessas três escalas é que lhe dará o caráter próprio definitivo" (Costa, 2018 [1967], p. 302). A proposta de expansão de Brasília, no entanto, limita-se à unidade da superquadra, sem ultrapassar, em termos formais da escala residencial, a área de vizinhança. Assim, como no Plano Piloto original, essa unidade inclui complementos necessários para a vida em comunidade: escola, creche, espaços de sociabilidade separados etariamente (alpendres), comércio e praça. Dessa forma, a superquadra não apenas oferece uma solução habitacional, como também visa garantir a interação social e o atendimento às necessidades cotidianas dentro de um mesmo espaço urbano planejado.

CONCLUSÃO

Se, para a construção de Brasília, o Brasil empreendeu um esforço para se modernizar, a revisão de Brasília realizada por Lucio Costa ocorreu em um contexto de reorganização política do país, especificamente sobre a sua redemocratização. O movimento "Diretas já", em 1985, e a promulgação da Constituição de 1988, representam um período de transformação política que também se materializava-se na cidade, especificamente em sua escala territorial. Lucio Costa reconheceu que a ocupação residencial nestas áreas livres, que "passam, por interferir no jogo das escalas urbanas" (Costa, 1987, p. 13), inevitavelmente influenciaria novas dinâmicas urbanas. Contudo, o plano de Lucio Costa para as Quadras Econômicas permaneceu restrito novamente às periferias. A expansão da Nova Asa Norte e a Nova Asa Sul – os setores Noroeste e Sudoeste –, assim como outras áreas contíguas ao Plano Piloto, mantiveram o privilégio da classe dominante, afastando inteiramente a possibilidade de redemocratizar a ocupação do solo urbano. Mais uma vez, o direito à cidade sucumbiu aos interesses do mercado imobiliário e o interesse das gestões urbanas. Ainda assim, as novas áreas habitacionais, pela sua forma de ocupação e pela sua densidade, de fato, interferiram e contribuem para a dinâmica cultural urbana da cidade, demonstrando a experiência urbana como fator transformador do tecido histórico.

Na perspectiva urbanística de Lucio Costa, "Brasília Revisitada" representa uma evolução significativa sem perder de vista suas formulações iniciais. Do aspecto da revisão, Lucio Costa, reconhece o espaço livre que conforma o Plano Piloto como área passível de ocupação e como diretriz para uma política de ocupação (Decreto Distrital n. 10.829), procedendo com a manutenção da tipologia da superquadra em modelo socioeconômico. Esse procedimento pode ser compreendido à luz da perspectiva de bricolagem, não apenas pelo gesto de replicar o modelo das superquadras ao longo das vias de ligação entre o Plano Piloto e as cidades satélites, mas, sobretudo, pela a intenção de revisar o caráter social do Plano Piloto. As Quadras Econômicas demonstram um desempenho satisfatório (Tomé, 2009) e revelam valores e significados (Cardoso, 2021). Esta é a segunda vez que Lucio Costa planeja núcleos habitacionais sem centro. Na proposta para Corniche (1980), Lucio Costa

também desenha um bairro sem um ponto de convergência, sem um centro, sem um coração. Em Brasília, esse processo reforça a dependência dos novos bairros em relação à capital, mantendo o conceito das cidades-satélites. Esse modelo contrasta, por exemplo, com o projeto de São Luís (1979-1980), no qual Lucio Costa propôs a criação de um novo núcleo com um centro claramente definido e autônomo.

AGRADECIMENTOS

A presente investigação integra-se a linha de pesquisa "Arquitetura: Teoria Projeto História" do Programa de Doutorado em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – FAUP e possui apoio financeiro da Fundação da Ciência e Tecnologia – FCT do Governo de Portugal através de um contrato de bolsa de Investigação (UI/BD/151126/2021) e o acolhimento institucional do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo – CEAU/FAUP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Carla. A urbanística de Lucio Costa na revisão do moderno: o projeto da Capital da Nigéria e sua relação com Brasília. **Paranoá**, [S. l.], v. 17, p. e45868, 2024a. DOI: 10.18830/1679-09442024v17e45868. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/45868>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BARRETO, Carla. A urbanística de Lucio Costa no contexto da revisão do moderno: análise do Plano Piloto da Barra da Tijuca. In: **Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**, vol. 15. Barcelona. Anais do Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, Grup de Recerca en Urbanisme, 2024b. DOI:10.5821/siiu.12731. Disponível em: <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/404292>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BARRETO, Carla. Superblock Model for Social Housing in the context of the Modern Movement Review: Lucio Costa's proposal for Alagados. **Estoa. Journal of the Faculty of Architecture and Urbanism**, [S. l.], v. 13, n. 26, p. 61–78, 2024c. DOI: 10.18537/est.v013.n026.a04. Disponível em: <https://publicaciones.ucuenca.edu.ec/ojs/index.php/estoa/article/view/4960>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CARDOSO, V. A Significância Cultural e o Caso Das Quadras Econômicas Lúcio Costa. **Revista Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/33934>. Acesso em: 7 jun. 2024.

CHOAY, F. **O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigues. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COSTA, Lucio. **Brasília Revisitada**. Decreto no 10.829/1987, anexo I, GDF. Brasília, 1985/87.

COSTA, L. **Registro de uma vivência**. 3. ed. São Paulo: Editora 34/Edições Sesc São Paulo, 2018.

HOLFORD, W. Reflexões sobre o concurso. In: XAVIER, A.; KANTINSKY, J. (Orgs.). **Brasília – antologia crítica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012 [1957].

HOLSTON, James. O espírito de Brasília: modernidade como experimento e risco. In NOBRE, Ana Luiza [et al], **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**, São Paulo: Cosac & Naify, 2004, pp. 159-177..

JENCKS, C. **Movimentos Modernos em arquitetura**. Tradução: José Marcos Lima. Lisboa: Edições 70, 1985 [1973].

KANTINSKY, Júlio Roberto. Apresentação. In: Gorovitz, Matheus, **Brasília: Uma questão de escala**. São Paulo: Projeto, 1985.

MONTANER, J. M. **Depois do Movimento Moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX**. São Paulo: Gustavo Gili, 2001.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia Teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. The Phenomenon of Place. In: Nesbitt, Kate (Org.), **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-2018)**. São Paulo: Cosac Naify. 2006, [1976].

PESCATORI, Carolina R. B. Cidade compacta e cidade dispersa: ponderações sobre o projeto do Alphaville Brasília. **Estudos Urbanos e Regionais**, v. 17, n. 2, p. 40-62, ago. 2015.

ROGERS, Ernesto Nathan. **Esperienza dell'architettura**. Milano: Skira Editore, 1997 [1958].

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. 2. ed. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1966].

ROWE, Collin.; KOETTER, Fred. **Collage City**. Cambridge, Mass.; Londres: The MIT Press, 1978.

SEGAWA, Hugo. Rio de Janeiro, México, Caracas: Cidades Universitárias e Modernidades 1936-1962. In: **5ª Conferencia Internacional Docomomo**, Estocolmo, 16-18 set. 1998.

TAFURI, Manfredo. **Projeto e Utopia: arquitetura e desenvolvimento do capitalismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1985 [1973].

TOMÉ, Candice. **Avaliação pós-ocupação da quadra econômica Lucio Costa em Brasília- DF: estudo das alterações ocorridas na quadra e nos edifícios**. Dissertação Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pesquisa e Pós-graduação, 2009.

TREVISAN, Ricardo. **Cidades Novas**. Brasília: Editora UnB, 2020.

ZEVI, B. Seis perguntas sobre a nova capital sul-americana. In: XAVIER, A.; KANTINSKY, J. (Orgs.). **Brasília – antologia crítica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012 [1960]. p. 66-72.

NOTAS

¹ Em ordem cronológica, os projetos são: Vila Operária de Monlevade (1934); Cidade Universitária (1936-1937); Museu das Missões (1940); Parque Guinle (1959); Rampas da Glória (); Plano Piloto de Brasília (1957); Plano Piloto da Barra da Tijuca (1968); Alagados (1972); Nigéria (1976); São Luís (1979-1980); Corniche (1980); e Brasília Revisitada (1985).

² Artigo apresentado no 9º Seminário Docomomo São Paulo, realizado em 27 de setembro de 2024, e publicado nos anais do evento.

³ Lucio Costa, como resultado da visita técnica realizada em Brasília (1985/87), elaborou o documento "Brasília Revisitada: Complementação, Preservação, Adensamento e Expansão Urbana". Brasília Revisitada é um anexo integrante ao Decreto Distrital n. 10.829 publicado em 1987 que regulamenta o Artigo 38 da Lei Federal n. 3.751/1960 sobre a preservação da concepção urbanística de Brasília. Deste projeto foi implantado a "Quadra Econômica Lucio Costa", localizada na cidade satélite do Guará-DF. Essa proposta integra o contexto da política urbana do Distrito Federal pautado no Plano Estrutural de Ordenamento Territorial – PEOT (1977), que contemplou a aprovação de novas áreas para assentamento. Além do PEOT, foi elaborado o Plano de Ocupação Territorial – POT (1985) e o Plano de Ocupação e Uso do Solo – POUUSO (1990). Posteriormente, foram sendo desenvolvidos o Plano Diretor de Ordenamento Territorial – PDOT (1992, 1997, 2009, 2012, 2019), principal regimento para o desenvolvimento urbano e uso do solo em Brasília. Posteriormente o documento integrou à portaria do Iphan n. 314/1992. Além disso, serviu como fundamento para a designação de Brasília como "Patrimônio Cultural da Humanidade" pela UNESCO e "Patrimônio Histórico e Artístico Nacional" pelo Ministério da Cultura. O arquiteto apresentou um estudo onde defendeu oito diretrizes para a preservação da composição urbana para resguardar a feição original de Brasília; a definição conclusiva da "volumetria espacial da cidade, ou seja, a relação entre o verde das áreas a serem mantidas in natura (ou cultivadas como campos, arvoredos e bosques) e o branco das áreas a serem edificadas"; seis novas áreas habitacionais (Área A – Bairro Oeste Sul destinadas a quadras econômicas (pilotis + 3 pavimentos), superquadras (pilotis + 6 pavimentos) e centro de bairro (2 pavimentos sem pilotis); Área B – Bairro Oeste Norte análogo ao Bairro Oeste Sul; Área C – Quadras da Vila Planalto (pilotis + 4 pavimentos) e a preservação da Vila Planalto; Área D – Quadras da EPIA (pilotis + 4 pavimentos); Área E – Asa Nova Sul (pilotis + 4 pavimentos); Área F – Asa Nova Norte quadras econômicas e conjuntos geminados de habitação popular (pilotis + 4 pavimentos e lotes individuais) e fixação da Vila Paranoá) para expansão e adensamento; e o projeto das Quadras Econômicas como modelo urbanístico e arquitetônico de aglomerado habitacional para a expansão de Brasília.